

OPINIÃO

COLUMNISTAS



REDE PRIVADA

Vacina, altruísmo e cooperação

09/03/2021 • 00:00

Por Gustavo Binenbojm

Milhões de pessoas têm doenças nos rins e sobrevivem de diálise, à espera de um transplante salvador. Como nascemos com dois rins e podemos viver bem com apenas um deles, a doação em vida é um ato altruísta possível. O problema é que nem sempre existe compatibilidade de quem quer doar com quem precisa receber. O resultado disso era um número ínfimo de transplantes, muito inferior ao de rins disponíveis para doação.

Alvin Roth teve uma ideia: e se juntássemos pessoas que gostariam de doar um rim para beneficiar um irmão ou um filho, mas estão impedidos de fazê-lo por uma incompatibilidade? E se fosse possível formar pares compatíveis para doações cruzadas? Eu doo o meu rim para seu irmão, enquanto você doa o seu rim para meu filho, num jogo em que todos ganham. O que antes era um sonho individual irrealizável torna-se real pela via da cooperação coletiva. O programa de doações cruzadas nos Estados Unidos já chegou a realizar 70 transplantes simultâneos e hoje é copiado em todo o mundo. Milhares de pessoas se beneficiaram da genialidade de Al Roth, ganhador do Prêmio Nobel de Economia, em 2012.

Essa história tem muitos pontos em comum com nosso périplo pelas vacinas contra a Covid-19. A ciência fez sua parte em tempo recorde e com eficácia assombrosa. Nosso problema é maximizar o acesso de todos ao imunizante, numa corrida pela vida contra o relógio. Vacinar em massa e de forma expedita significa salvar vidas, evitar o colapso dos hospitais, destravar a roda da

economia, voltar a gerar empregos e renda. Temos experiência e expertise para a tarefa, mas por que nos faltam as vacinas na velocidade desejada?

Bem, uma resposta possível seria a do nosso presidente: “Bicho, a morte é parte da vida! Quem está nessa chuva é para se molhar! Deixem de mimimi!”. Outra resposta, mais atraente para quem gosta da vida e a deseja para todos, é pensar: estamos no caminho certo? Como podemos corrigir rumos com brevidade? Certamente há um esforço enorme dos servidores públicos e profissionais privados da saúde, de que todos nos orgulhamos. Meu ponto é que o governo federal tem se revelado um paquiderme gerencial, vagaroso e ineficiente, nas negociações e aquisições de vacinas. Já há dezenas de imunizantes seguros e eficazes, mas nossos gestores exercem um monopólio nas compras, por enquanto centrado em apenas dois. O Congresso tomou a frente do problema, diante do clamor por soluções melhores, mais rápidas e efetivas.

Há boas razões para defender a abertura das compras de vacinas pelo setor privado. A discussão fica pobre se nos mantivermos nos dois extremos aventados até aqui: proibição ou autorização condicionada à doação de todas as vacinas aos SUS. Ora, assim ficamos entre o monopólio da incompetência do governo e um altruísmo irrealista do mercado, que simplesmente não tem como acontecer. Algo parecido com apostar em doadores altruístas de rins que jamais poderiam beneficiar seus entes queridos, antes do sistema de doações cruzadas.

Parecem razoáveis as propostas em discussão que estabelecem um cota significativa de imunizantes a ser doadas ao SUS — digamos, meio a meio —, em contrapartida à possibilidade de venda a clientes privados. As aquisições só

seriam autorizadas a laboratórios distintos daqueles escolhidos pelo governo, de modo a evitar problemas de abastecimento do SUS e o cumprimento dos cronogramas de entrega. De outro lado, cada pessoa que pagasse pela vacina privada estaria naturalmente subsidiando alguém a receber a vacina doada ao SUS. Ademais, o ritmo de imunizações seria acelerado, em termos igualitários, ajudando a desonerar o sistema de saúde, a agilizar o alcance da imunidade de rebanho e a retomada da atividade econômica. A energia do setor privado seria, assim, canalizada para nos fazer acordar deste pesadelo sem fim. Cooperar, civilizadamente, será nosso melhor despertar coletivo.

****Professor titular da Faculdade de Direito da Uerj, dedica este artigo à memória de Aron Lewkowicz, avô de suas filhas, vítima da Covid-19***

TAGS: [Artigos](#) • [Gustavo Binenbojm](#)

Compartilhe:    |  COMENTE

LEIA TAMBÉM

A patologia nacional

O que o Senado precisa aperfeiçoar na Lei de Improbidade Administrativa



O contrato nebuloso da Covaxin



A quem serve o voto impresso?

PUBLICIDADE